

**Pedro Heliodoro Tavares**

Universidade de São Paulo

pht@usp.br

## Sujeito e autoria na vanguarda

**Resumo:** O presente artigo procura discutir as conseqüências para a noção de *sujeito* na vanguarda da nietzscheana morte de Deus e da foucaultiana morte do Homem, bem como uma questão mais complexa daí decorrente: Que função restaria para o autor no que concerne às características da vanguarda tais como alegoria montagem, acaso e impessoalidade?

**Palavras-chave:** Vanguarda. Sujeito. Autor.

## Subject and authorship in the avant-garde

**Abstract:** The present article intends to discuss the consequences of Nietzsche's *death of God* and the Foucault's *death of the Man* to the notion of *subject* in the avant-garde. We intend to discuss as well a more complex question: what function is left to the *author* concerning characteristics of the avant-garde such as allegory, montage, chance and impersonality?

**Keywords:** Avant-garde. Subject. Author.

É possível datar a vanguarda? Ou viria, a vanguarda, acabar com a segura localização espaço-temporal? Estaríamos, talvez, cometendo o maior dos erros procurando fixar na história um fenômeno artístico-intelectual (talvez, ideológico) que procura subverter a própria noção de historicidade. Mas, se ousamos hoje em dia, proferir o termo *pós-vanguarda*, parece que algo nos alicerça a insistência em situá-la, pelo menos, cronologicamente.

Tanto na intelectualidade científico-filosófica, quanto no meio artístico, desde o Renascimento até a aurora do século XX, salvo, é bem claro, expressivas exceções (Velásquez, Bosch, Hölderlin etc.), parece haver uma espécie de *continuum* ou uma escalada racionalista de apreensão da realidade. Uma crença na crescente apropriação da verdade sobre a natureza e a humanidade parece dominar o saber ocidental. As representações, verbais ou pictóricas, supostamente aproximam-se de uma apreensão, descrição, catalogação e decifração do

*Umwelt* (ambiente, mundo circundante), demonstrando ser o próximo e lógico objeto de investigação o *Innenwelt* (mundo interior). Seria, talvez, a partir da falência desse modelo – manifesto na enorme gama de produções que pululam ao longo da primeira metade do século XX, seja em forma de movimentos artísticos, literários, ou político-ideológicos – que assistimos ao surgimento do que se viria chamar de Vanguarda.

Michel Foucault (1966), em seu *As Palavras e as Coisas* ou *Uma Arqueologia das Ciências Humanas*, problematiza o ocaso desse modelo anterior dando destaque aos *limites da representação*. Reportando-se diretamente a nietzscheana *morte de Deus*, coloca esta como a responsável não isolada pelo surgimento das *Ciências do Homem*. Morre Deus para advir, enquanto objeto, o Homem em suas relações de fala, troca e classificação. Contrapondo-se à idéia de que o saber de si seria objeto de curiosidade e o mais velho problema da humanidade ao longo de sua história, Foucault (1966 p. 234) vem afirmar que “O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo”.

Ao morrer Deus – na passagem para a modernidade – o Homem advém (com seus dias contados). Não que tenha sido Nietzsche o pai da modernidade ao “matar Deus”; outros fatores assinalam esta emergência: “A filosofia de Kant e seu projeto de estabelecer os limites do conhecimento humano, a ciência positiva e sua independência da teologia, e Revolução Francesa e suas ‘idéias modernas’ de igualdade, liberdade e fraternidade, a arte romântica e sua simpatia pelo que é doentio” (Machado, 2000 p. 85).

Do paradigma da essência, do absoluto e da representação, na virada do século, Foucault assinala um corte epistemológico, a partir do qual o homem, passa a ser, a um só tempo, *sujeito* do pensar e *objeto* do conhecimento: “O que mudou, na curva do século, e sofreu uma alteração irreparável foi o próprio saber como modo ser prévio e indiviso entre o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento (...)” (Foucault, 1966 p. 346).

Aqui pode se retornar a idéia de que, ao nascer o Homem enquanto objeto de estudos, esse corte epistemológico marca sua concomitante morte. A análise empírica das ciências da vida irá situá-lo entre os animais, as ciências do trabalho e sua negociação observam o Homem como meio de produção e as ciências da linguagem irão concluir a dependência dele sobre o uso da língua. O que implica dizer que: “A dependência do homem com relação aos objetos empíricos significa que, através deles, ele se descobre como ser finito” (Machado, 2000 p. 90). Ou, para citar o próprio Foucault: “A finitude do homem se anuncia – e de maneira imperiosa – na positividade do saber; sabe-se que o homem é finito como se conhece a anatomia do cérebro, o mecanismo dos custos de produção ou os sistemas de conjugação indo-europeus” (*apud* Machado, 2000 p. 90).

Em *As Palavras e as Coisas*, atesta-se uma mudança de paradigma; com o desvanecer do *ser do homem*, persiste, ou vem à tona o próprio *ser da linguagem*. Como bem expressa Haroldo de Campos, expoente da poesia concreta, propondo, talvez, uma solução ao irônico título da obra foucauliana, na experiência vanguardista da poesia, as palavras não têm mais um caráter de signo, as palavras comportam-se como *coisas*. Não cabe, portanto, dizer *as palavras e as coisas*, mas sim *as palavras-coisas*. Essas “se agrupam por associações mágicas de conveniência e inconveniência, como as cores e os sons, se atraem, se repelem, se inflamam e sua associação compõe a verdadeira unidade poética que é a frase-objeto” (Campos et al, 1987 p. 56). Idéia, essa, também versificada por João Cabral de Melo Neto (1979), em sua *Psicologia da Composição*:

São minerais  
as flores e as plantas  
as frutas, os bichos  
quando em estado de palavra.

É mineral  
a linha do horizonte,  
nossos nomes, essas coisas  
feitas de palavras.

É mineral, por fim,  
qualquer livro:  
que é mineral a palavra  
escrita, a fria natureza

da palavra escrita.

Esse preâmbulo parece necessário à problematização de uma subjetividade na vanguarda. O sujeito da vanguarda certamente não é o *Eu* indiviso da psicologia, nem o sujeito pensante da filosofia idealista, tampouco será a *personae* humana do romantismo literário com seus dramas existenciais ou morais. Para seu advento faz-se necessário, além das (supracitadas) vicissitudes mencionadas por Foucault, a poética surrealista, a noção psicanalítica de um discurso do inconsciente, o formalismo russo, entre outras manifestações culturais.

Quando negamos a semelhança desse sujeito com o *Eu* da psicologia não estamos apenas mencionando o seu aspecto de sede racional dos pensamentos, afetos, ansios e angústias. Referimo-nos, também, a diferença no que este *Eu* possui de gregário, conciliador, mediador, unidade mínima de percepção ou até de criação autoral. Roland Barthes parece expressar algo sobre essa nova noção

de sujeito. Diferente do sujeito da filosofia, este seria “despojado de toda unidade, perdido no duplo desconhecimento do seu inconsciente e de sua ideologia, e só se sustentando por um carrossel de linguagens” (Barthes, 1988 p. 51). O alemão Peter Bürger (1974), em *Teoria da Vanguarda*, faz uso de um vocábulo de sua língua de expressão para nos aproximar dessa noção, e é como expressão *linguageira*, não *sígnica*, mas *concreta*, que devemos entendê-lo. Trata-se aí do pronome neutro alemão *es*.

Como podemos entender esse pronome? Graças à riqueza das conjugações no português acabamos muitas vezes prescindindo do uso dos pronomes. Se dizemos “canto, corro e durmo”, está claro que o agente da ação é a primeira pessoa do singular, se ouvimos “cantas, corres e dormes”, sabemos também de imediato tratar-se da segunda pessoa, e assim por diante. Não é o caso da maioria das línguas germânicas tamanha especificidade nas conjugações, fato que incrementaria a importância dos pronomes.

Mas, quando dizemos “chove, troveja e venta” quem é o sujeito, ou mais bem posto, quem é o agente? No alemão diríamos “*es regnet, es donnert, und es schneit*”. Até no francês, uma língua neo-latina, ocorre algo semelhante: Diz-se *Il pleut*, algo como “*Ele chove*”. Quando, ou se o sujeito ou o objeto são inexistentes ou indeterminados, é esta a partícula que se emprega. Outro exemplo: *Es klopft. Wer ist es?* (Batem [na porta]. Quem é?)

Na busca de um cognato no português, usamos o termo *Isso*, o “inominável” que Freud encontrou na obra de Georg Groddeck a quem ele atribuiu a invenção desse termo, mesmo que sua concepção já se encontrasse de certa forma em Nietzsche.

Groddeck foi quem substantivou o pronome em seu “*Das Buch von Es*” Este fez de *es, das Es*, elevando o pronome à categoria de substantivo. Cabe aqui uma ressalva para o artigo *das*, também neutro. Através do *das*, podemos “coisificar” o abstrato tornar qualquer significante um substantivo que, no alemão, se distinguem por serem sempre grafados com inicial maiúscula.

O que Freud quis designar como *o Isso*, ainda que não exatamente como Groddeck, foi “uma força pela qual somos vividos, acreditando vivê-la.” (Freud, 1940, p. 342) Ou, para remontarmos a Nietzsche (1995 p. 331) em *Além do bem e do mal*, “um pensamento vem quando *isso* quer e não quando *eu* quero”. É de ordem semelhante às queixas com que um psicanalista se depara em sua clínica. Queixas que se expressam por sintagmas como “*Isso* é mais forte do que *eu*”, ou “*Eu* não sei por que *isso* está me acontecendo”.

Já que mencionamos Nietzsche, poderíamos dizer que na vida *o Isso* aparece, via de regra, como o seu *Ungebeuer*, ou o *Inaudito* e, portanto, inominável, extraordinário e, por que não dizer, *estranho* ou *alheio*.

Mas, voltemos à vanguarda. Os extratos trazidos de Barthes, Nietzsche e Freud nos servem para alicerçar ideias manifestas na experiência da vanguarda,

sobretudo no que tange às suas principais características: alegoria, montagem e acaso. A *alegoria* benjaminiana que faz com que “a falsa aparência de totalidade desapareça” (Bürger, 1974 p. 131), a *montagem*, que de forma semelhante ao cinema se manifesta na e pela linguagem escrita, por exemplo, na poesia concreta. Mas, cabe aqui especial atenção à idéia de *acaso*.

A noção de acaso não só virá revolucionar a apreensão da subjetividade, irá também subverter a concepção de autoria. Afinal, como interpretar a proposta de João Cabral: “Saio de meu poema como quem lava as mãos.”? Ou a, por Bürger, mencionada construção-programação da música dodecafônica? A partir da qual, afirma: “A impotência na qual a tecnologia apanhou o sujeito, desencadeada por ele mesmo, foi recebida na consciência, converteu-se em programa.” (Adorno *apud* Bürger, 1974 p. 144). Aí, talvez, aparece uma das manifestações ideológicas da vanguarda: “Acomodar-se à alienação parece ser a única forma possível de resistência contra esta” (Bürger, 1974 p.142).

Mas, se a obra tem sua gênese atrelada ao acaso, qual a função ou a caracterização de seu autor? Seria sua atitude comparável a que Derrida (1967, p. 84) faz do fenomenólogo que “volta às próprias coisas [e] se apaga perante a originalidade e a originariedade das significações”, dissipando, assim, o “fantasma da escolha”? O acaso está destacado, intitulado a segunda parte do já referido poema de João Cabral, no qual seu caráter de inaudito, inexorável e irrefreável se expressa:

Ó acaso, raro  
animal, força  
de cavalo, cabeça  
que ninguém viu;  
ó acaso, vespa  
oculta nas vagas  
dobras da alva  
distração; inseto  
vencendo o silêncio  
como um camelo  
sobrevive à sede

Se recorrermos novamente à análise foucaultiana, encontramos nela a *função-autor*, caracterizada como aquilo que “encerra, determina e articula o universo dos discursos”, função que é “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (Foucault, 1969, p. 274). Esta função pode dar lugar a vários ‘eus’ simultaneamente, a várias posições-sujeito:

- um “eu” que remete a um indivíduo sem equivalente que, em um lugar e um tempo determinados, concluiu um certo trabalho.”;
- um segundo “eu” que “designa um plano e um momento de demonstração que qualquer indivíduo pode ocupar, desde que tenha aceito o mesmo sistema de símbolos, o mesmo jogo de axiomas, o mesmo conjunto de demonstrações preliminares.”;
- e um terceiro, “aquele que fala para dizer o sentido do trabalho, os obstáculos encontrados, os resultados obtidos, os problemas que ainda se colocam.

Foucault nos diz de uma *morte de Deus* e de uma *morte do homem*. Estaria, ele, querendo salvar o autor. Barthes (1985 p. 67), o “assassino do autor” dirá que “lingüisticamente, o autor nunca é mais do que aquele que escreve, assim como ‘eu’ outra coisa não é senão aquele que diz ‘eu’: a linguagem conhece um ‘sujeito’, não uma ‘pessoa’, e esse sujeito, vazio fora da enunciação que o define, basta para ‘sustentar’ a linguagem, isto é, para exauri-la”.

Já Blanchot, quanto à autoria e morte, dirá que “trata-se de escrever para não morrer” (*apud* Foucault, 1963 p.47), a linguagem sobrevive ao homem, e o sujeito não pode lidar com a morte senão através da linguagem. “A linguagem, sobre a linha da morte, se reflete: ela encontra nela um espelho; e para deter esta morte que vai detê-la não há senão um poder: o de fazer nascer em si mesma sua própria imagem em um jogo de espelhos que não tem limites” (idem, 48).

A proposta da vanguarda parece mais próxima da ideia de um “acaso enquanto jogo” uma postura que se afasta de uma fenomenologia e se aproxima de uma matemática da composição (Campos *et al.*, 1987 p. 56). A manifestação autoral seria semelhante àquela de um jogador de xadrez que pode arquitetar suas aberturas, mas tem sua ingerência atrelada diretamente às artimanhas do devir que restringem seu potencial criativo através de leis de auto-regulamentação. Nessa perspectiva, só o autor pode ser posto em cheque, a linguagem jamais. Parafraseando o autor de *Un Coup de Dés*, “no autor a linguagem fala”.

## Referências

- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1984/1988.
- BÜRGER, Peter. *Teoria de la Vanguardia*. Trad. Jorge Garcia. Barcelona: Ediciones Península, 1974/1987.
- CAMPOS, Haroldo et al. *Teoria da Poesia Concreta*. São Paulo: Brasiliense, 1965/1987.
- DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. Trad. Maria Beatriz N. Silva. São Paulo: Perspectiva, 1967/1995.

- FOUCAULT, Michel. *A Linguagem ao Infinito* in *Ditos & Escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1963/2001.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1966/2000.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* in *Ditos & Escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969/2001.
- FREUD, Sigmund. *Abriss der Psychoanalyse*, in *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1940/1999.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- MELO NETO, João Cabral. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965/1979.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Jenseits von Gut und Böse*. Colônia: Könnemann Verlag, 1885/1995.